

## **NADABE, O LIVRE**

Era certa vez um menino que se chamava Nadabe. Este seu nome não tem nada de particular, a não ser seu significado: “Livre”.

Sua mãe o chamou assim por várias razões. A primeira era porque gostava do nome; a segunda era porque era uma patriota e apreciava a liberdade; e a terceira porque foi o primeiro de que se lembrou quando ele nasceu.

Nadabe nasceu e cresceu nas areias do deserto, onde ninguém é mais livre do que o vento que traz e leva as dunas. Sua família também era livre nesta época e andava de cá para lá neste vasto mundo, junto com outros milhares de famílias judias como eles.

Seu próprio nome, o vento do deserto e este viver errante influíram no desenvolvimento do caráter de Nadabe.

Não havia ninguém mais independente, cheio de vontades e desobediente do que ele. É claro que isto fazia sofrer a sua pobre mãe, que esperava dele alguma ajuda, pois era forte e vivo e o maior dentre cinco irmãos. Mas Nadabe, em vez de ajudar a sua mãe nos afazeres próprios de uma família composta somente de homens, não ligava para ela, vivendo a sua própria vida, andando a seu gosto todo dia, sozinho ou acompanhado de outros meninotes como ele.

Uma vez ou outra é que resolia ajudar e catava lenha para a mãe, ordenhava as cabras, fiava lã ou remendava a tenda que lhes servia de lar, o que muito lhe agradava fazer.

Pensemos que Nadabe e a sua família são israelitas na época da sua peregrinação pelo deserto e que usavam como casa uma tenda de lona, à semelhança dos ciganos.

Mas este tipo de conduta não durava muito e logo ressurgia novamente, do fundo de sua alma, “Nadabe, o livre”. Fugia para o deserto, sumia por entre as montanhas rochosas ou entrava no meio dos canaviais dos poucos oásis que existem neste país tão selvagem, à procura dos ninhos

das incautas codornas para roubar-lhes os ovos. Disto também ele gostava sobremaneira.

Sua boa mãe, Degania, afligia-se com ele. Degania era uma mulher muito piedosa e temente a Deus e sofria muito com a conduta do seu filho, de quem esperava consolo e ajuda na velhice, pois Degania era viúva.

Seu marido, que tivera o mesmo caráter que agora tinha Nadabe, tinha morrido dois anos antes de um acontecimento trágico acontecimento que tinha ficado marcado na vida do povo. Elamasi tinha sido um homem bom e valente, mas dado a provocar discussões por qualquer motivo e sempre estava pronto a meter-se em dificuldades com as autoridades.

Quando era jovem, Elamasi de trinta anos antes, tinha aplaudido entusiasticamente a célebre rebelião de Coré. Felizmente para ele, o castigo divino não o tinha atingido, mas ele tinha ficado com um ódio secreto para com Moisés, o chefe dos israelitas.

Era um revolucionário nato, um rebelde em potencial. Quando Coré organizou a insensata rebelião que lhe custou a vida, Elamasi foi um dos primeiros a apoiá-lo. Seu espírito juvenil e rebelde levou-o a tomar o lado dos revoltosos, embora não entendesse muito bem o que eles queriam. Como não tinha tomado parte ativa na revolta, pois era quase um menino, não tinha sido castigado.

Depois disto, Elamasi só procurava motivos para murmurar, para fazer queixas e para criticar tudo o que se fazia. Não era um homem mau. Simplesmente, era indisciplinado. Era um livre, em toda a extensão da palavra.

E como que naqueles tempos o povo israelita não era propriamente uma nação estável, mas um conglomerado de pessoas de diversas índoies que vagava pelo deserto sofrendo toda espécie de contratemplos e de dificuldades, era fácil para ele quase que diariamente provocar rebeliões, motins e queixumes revolucionários.

Moisés, o líder, tinha uma pesada tarefa dirigindo tais pessoas. Não era somente Elamasi que era rebelde. Havia dezenas de milhares como ele. Podemos imaginar como era a

vida deles, em tempos tão selvagens e difíceis e quando não tinham um sentimento nacional e nem verdadeira fé religiosa unida, que são duas coisas que contribuem para manter a paz em um povo.

Bem, o caso é que o pai de Nadabe foi sempre um revolucionário e seu primogênito herdou, duplicadamente, a natureza explosiva de seu pai. Finalmente, em uma das tantas rebeliões, a calamidade já de tanto tempo acumulada sobre a cabeça do homem, caiu-lhe em cima.

Pelo eterno motivo da falta de água e de carne, coisas que logicamente escasseiam no deserto, Elamasi elevou sua voz em protesto e logo conseguiu meia dúzia de revoltosos como ele para o acompanharem.

Após os gritos vieram as pedradas e, depois, as pauladas e, depois, os gritos contra Moisés, tentando levantar o ânimo do povo contra o seu líder.

Quando Degania viu seu marido mais furioso ainda do que outras vezes, pressentiu a tragédia. Abraçou seus filhinhos e fechou-se em sua tenda para orar a Deus. Lá fora, os roucos gritos dos homens estavam pondo fogo no motim; aqui dentro, as fervorosas orações de Degania elevavam-se ao Altíssimo.

Nadabe, agarrado à sua mãe, tinha seus ouvidos atentos ao que estava fazendo seu pai. Este era seu herói, e, ao vê-lo alto, jovem e vigoroso, o coração ardoroso do jovem enchia-se de fervor.

De boa vontade teria largado sua mãe e teria pego um pau e teria corrido após seu pai para ajudá-lo em sua tarefa. Mas Deus tinha outro plano para ele. A terra se abriu e, brotando uma chama do abismo, queimou em poucos instantes o pequeno grupo.

O alarido do povo fez compreender à pobre mulher que orava na tenda que o castigo divino, que durante tanto tempo estava sobre a cabeça do seu marido, tinha chegado. Nadabe também percebeu que seu pai morria e que morria castigado por Deus. Agarrou-se fortemente à sua mãe, que chorava em silêncio, esperando que a qualquer tempo aparecesse Moisés

para levar também o menino, pois que este tinha visto com bons olhos as atitudes do pai.

Cada grupo de pessoas que passava à frente da sua tenda, conversando e gritando, fazia-lhe crer que tinha chegado o seu fim. Pensava estar vendo um anjo ou um demônio enviado por Deus para matá-lo... e escondia a cabeça no regaço de sua mãe.

As horas foram passando e, finalmente, Degania se levantou. Lentamente começou a preparar a comida da tarde, deu a porção para os pequenos e deitou para dormir.

Resignadamente tinha entregue o seu caso ao Senhor e Este a tinha consolado. Aceitou o castigo do marido como justo e, sendo uma mulher piedosa, compreendia que tudo o que Deus faz está bem feito.

Nesta mesma noite, enquanto os meninos dormiam, ela foi ver a Moisés. O bondoso chefe, que estava passando por horas bem difíceis, a recebeu admirado, pois pensava que ela também tivesse morrido junto com seus filhos e junto com seu marido. Mas Degania contou-lhe toda a sua experiência com o Senhor. Contou-lhe de sua longa oração e de sua aceitação resignada da vontade do Altíssimo.

O grande homem, emocionado, a abraçou e a abençoou. Ele sabia muito bem que o perdão divino, o perdão do Único que pode perdoar pecados, tinha atingido aquela pobre mãe, pondo-a à parte de toda condenação.

De agora em diante, Degania e seus filhos teriam tanto direito de viver no meio da congregação sem castigo nenhum, como qualquer um, como o próprio Moisés.

Os vizinhos e os amigos surpreenderam-se ainda mais do que Moisés, vendo aquela mulher que supunham queimada e morta, vendo-a andando por entre o povo. E não somente viva, mas alegre e soridente.

Todos os parentes consideravam Degania uma mulher piedosa, mas agora parecia que tinha progredido ainda mais, tendo agora em seu coração um pedaço do céu e um brilho em seu olhar como a auréola de um anjo. Todos aceitaram a viúva, concedendo-lhe um respeitoso apreço e admiração.

Nadabe passou alguns dias depois da morte de seu pai meio enfermo e atemorizado. Mas, pouco a pouco, sua natureza se manifestou novamente e voltou a ser o mesmo de sempre: alegre, rebelde e... decididamente desobediente.

Afinal, não se pode exigir muito de quem tem somente sete anos, um corpo vigoroso, uma mente investigadora... e uma pontaria muito boa para acertar com sua funda os pássaros em pleno voo.

Nem se tinha passado um mês desde a morte do pai e Nadabe já estava fazendo das suas, embora agora tivesse para com o chefe Moisés um prudente respeito e temor e guardasse agora ainda uma distância maior entre ele e a sua tenda.

No tempo da nossa história, Nadabe já estava com nove anos completos e era ainda mais rebelde do que sempre o fora. Era um verdadeiro Nadabe.

Havia dias em que sua mãe não o via desde a manhã até a noite. Que fazia durante estas horas? Degania nem podia imaginar. Certamente não faltam ocupações para um jovem cabritinho que tem diante de si todo o mundo e a oportunidade de percorrê-lo.

Por outro lado, a vida do povo judeu nesta época não era nada boa. Os maiores podiam dar aos menores qualquer coisa menos bons exemplos. Parecia um povo louco aquele. E os protestos, as rebeliões, os motins e as murmurações surgiam a cada hora.

Viviam uma vida licenciosa e “bebiam a iniquidade como água”. O pecado contínuo em que viviam traria sobre eles um castigo pior do que o que já tinham recebido.

Bem pouco pode ser esperado de uma juventude que só vê nos maiores libertinagem e vício. “O futuro”, disse alguém, “pertence às gerações que estão sendo modeladas no exemplo dos mais velhos”. Nadabe era um desordeiro, rebelde e inadaptado por que vivia entre um povo que possuía estas mesmas características.

Finalmente, certa manhã, Nadabe desapareceu mesmo antes de amanhecer. Saiu sozinho, sem procurar seus

habituais companheiros, Jesumel e Helam. Na última curva que levava aos oásis perto do qual estavam acampados, bem escondido num canavial, havia um ninho de íbis vermelhos, as grandes e bonitas aves do deserto.

Fazia dias que ele o tinha descoberto por acaso, enquanto andava por ali, por causa que a mãe íbis, por nervosismo, pressentindo a aproximação de estranhos, tinha levantado voo.

– Estão começando a bicar – contou Nadabe a seus amigos. – Assim que a mãe me viu por perto, levantou voo. Não vai demorar e vai haver filhotes no ninho.

– Quando houver filhotes, avise-nos, que iremos vê-los – disse Jesumel.

– Que nada! Vocês procurem seus ninhos, Este é meu e penso ficar com ele só para mim.

– Vamos, Nadabe. Você sempre quer tudo para si. Não somos seus amigos?

– Claro que somos amigos. Mas se um descobre um ninho, é seu. E se alguém consegue agarrar os filhotes, sem que a mãe o pique, são seus. Quando vamos caçar gafanhotos e pescar rãs, cada um não fica com o que pegou?

– É verdade, mas nós queremos apenas ajudar você. Você pode ficar com os filhotes – replicou Helam.

– Não sei, não. Ainda faltam alguns dias para que nasçam – disse Nadabe, meio desconfiado.

O menino lembrava-se desta conversa que tivera com os seus amigos enquanto ia andando bem devagar e abrindo o caminho por entre o canavial, sem fazer barulho. Era um caçador esperto e bom conhedor de ninhos.

Este ninho era “seu”. Ele o tinha descoberto “sozinho”. Helam e Jesumel nada tinham que fazer ali. Por isso naquela manhã tinha saído sozinho, sem chamá-los.

Sua mãe lhe tinha pedido que naquele dia fizesse provisão de água e de lenha, coisas bastante escassas num acampamento de mais de um milhão de pessoas que dependiam das coisas existentes no deserto.

Os irmãos menores queriam logo cedo a sua comida e, por isso, a mãe não podia providenciar água e lenha. Bastante trabalho ela tinha, fabricando suas próprias vasilhas e telas para sustentar a família. Mas o rapazinho, como sempre, não tinha dado a mínima atenção às recomendações e às ordens da mãe.

Enquanto isto, no acampamento preparava-se outra tragédia. O povo tinha pecado novamente. Tinha-se reunido para protestar contra Moisés por causa do maná, esta coisa tão sem gosto que fazia anos o Senhor providenciava para eles cada manhã.

– Por que nos fizeste subir do Egito, aquela terra boa, para que morramos neste deserto? Aqui não temos pão e nem água e já estamos fartos deste pão vil.

Este insensato protesto tinha enchido o vaso da paciência de Deus. Agora tinha decidido enviar-lhes um castigo exemplar. Já que desprezavam o alimento de Deus e anelavam pelo alimento do Egito; já que ansiavam voltar para este país de demônios e de ídolos e comer a comida do Diabo; já que, como Adão e Eva, deixavam-se enganar pela voz da serpente que sussurrava “come”, Deus ia mandar-lhes serpentes que os comessem a eles.

E assim aconteceu. O primeiro alarido partiu de uma mulher. Fazia parte do grupo mais barulhento e sentiu dois afiados dentes, finos como uma agulha, se espetarem na perna. Uma serpente do deserto tinha-se enroscado em sua perna e a tinha mordido.

Imediatamente, o grupo de desbaratou atemorizado, mas havia serpentes por todo canto.

Serpentes, às centenas e aos milhares, tinham invadido o acampamento e estavam mordendo as pessoas que encontravam. A confusão era espantosa. Homens e mulheres corriam, sentindo que as serpentes se enroscavam em suas pernas e que os mordiam uma e outra vez.

A terrível dor do veneno, um calor como de chumbo derretido penetrando na corrente do sangue e um enorme inchaço do membro ferido apontavam para o fim inevitável.

O líder da rebelião estava morto no chão, com o sinal dos dentes da serpente em sua língua. Merecido e justo castigo divino.

O povo, um tanto acostumado a estes repentinos e terríveis castigos, começou a clamar: – Pecamos por falar contra o Senhor e contra você, Moisés. Peça ao Senhor que tire de entre nós estas serpentes!

Alguns dos homens fiéis do acampamento se uniram a Moisés que, apressadamente, foi à sua tenda para orar. A boa Degania se uniu a eles e ali dobrou os seus joelhos. Estava com um pressentimento funesto em seu coração.

Nadabe! Onde estaria Nadabe? Muitas vezes a pobre mãe tinha repreendido seu filho por causa de sua má conduta. Tinha gasto muitas palavras para dizer-lhe que o pecado em que vivia um dia seria castigado por Deus; que todo pecado recebe como pagamento a morte e que, se não se arrependesse e acertasse a sua vida, quando menos esperasse ia encontrar-se com o castigo de Deus e que este dia seria tarde para o arrependimento.

Mas Nadabe nunca ligou para as palavras de sua mãe. Após a morte do pai tinha-se tornado ainda mais desobediente e malandro, sem o freio que antes o pai significava para ele.

Deus respondeu à oração de Seus servos, dando a Moisés uma ordem estranha: – Faça uma serpente de bronze e ponha-a numa haste, fincando-a no meio do acampamento, bem à vista de todos. Qualquer que, tendo sido mordido por uma serpente, olhar para a serpente de bronze, será salvo.

Moisés obedeceu. Pegou um aguilhão de bronze dos usados para guiar o gado, torceu-o e deu-lhe a forma de uma serpente. Enroscou-a no pau da bandeira do acampamento e fez correr este aviso por entre o povo enlouquecido de medo: – Todo aquele que, tendo sido mordido por uma serpente, olhe para a serpente que está no pau. Fazendo isto, sarará.

Os que tinham sido mordidos começaram a atender a ordem. Em seu desespero e dor, olharam para a figura da serpente. Instantaneamente saravam. Sentiam-se livres do

veneno que tinha sido injetado em seu sangue. As pernas e os braços desinchavam. A febre desaparecia. Caíam de joelhos e louvavam a Deus.

Mas muitos não queriam olhar para a serpente de bronze. Cheios de fúria, blasfemavam e rejeitavam o remédio. Diziam que era bobagem, que um remédio tão fácil e de graça não tinha valor nenhum. Então morriam no meio de uma cruel agonia. Mostravam-se rebeldes até ao fim.

Neste momento, Nadabe, alheio ao que acontecia no acampamento, estava chegando ao ninho dos íbis vermelhos.

– Que sorte que eu tenho. Os íbis estão aí. Os filhotes devem estar sozinhos – pensou.

Atirou-se ao chão e começou a arrastar-se pouco a pouco para surpreender os inocentes filhotes. Milímetro a milímetro foi avançando até o ninho estar ao alcance de sua mão. Esticou o braço cheio de satisfação e pegou no ninho.

Em vez da suave penugem dos filhotes que esperava sentir, sentiu uma pontada na ponta do seu dedo. Surpreso, olhou para sua mão. Ali, na ponta do seu dedo polegar havia dois pontos vermelhos, como de sangue, e uma grande dor começou a estender-se pela mão. Ao mesmo tempo, viu que uma serpente saía do ninho e se perdia entre o canavial.

Nadabe tinha sido mordido por um das terríveis serpentes ardentes do deserto, chamadas assim por causas da muita febre que sua picada provocava.

Louco de medo, levantou-se e começou a correr. A mão estava inchando e doía-lhe cada vez mais. Começou a sentir enjoos e vontade de vomitar. Suas pernas fraquejavam. Tropeçou e caiu, mal podendo levantar-se novamente.

Corria para sua tenda, compreendendo que Deus o tinha castigado por tanta maldade que tinha feito. Começou a chorar, pensando que estava para morrer.

Queria segurar a mão picada com a outra mão, mas doía-lhe tanto que nem podia encostar uma mão na outra. O braço parecia-lhe uma brasa ardendo. O ombro e o pescoço doíam-lhe também. Naquele momento pensou em sua má conduta e

no pouco amor que tinha para com sua mãe e seus irmãozinhos.

Aceitava, resignado, o castigo, mas ia pedindo a Deus que, pelo menos, lhe deixasse ver sua mãe antes de morrer. As lágrimas corriam-lhe pela face e, fazendo um supremo esforço, conseguiu chegar aos limites do acampamento.

– Felizmente, nossa tenda está peto. Talvez consiga chegar lá – murmurou.

Os gritos, os ais e a confusão que reinava no acampamento mostraram-lhe que algo de bem grave estava acontecendo. Chegou à sua tenda e atirou-se sobre a sua cama. Uriel, um dos seus irmãos, e Axa, a irmãzinha de sete anos, ouviram entrar tão aflito e passando mal que começaram a gritar. Uriel saiu da tenda e naquele momento estava chegando Degaia.

– Mamãe! – gritou. – Nadabe acaba de chegar e foi mordido por uma serpente.

A pobre mãe agradeceu a Deus. Se seu filho tinha sido mordido e ainda estava vivo, então havia esperança para ele. Pegou o menino em seus braços e apalpou seu braço direito, inchado como um odre de vinho.

A mão tinha perdido a sua forma e era uma massa negra e fofa, onde os dedos eram grossas saliências. Sua testa queimava como uma lata ao sol. O menino estava morrendo e Degania percebeu.

– Nadabe, meu filhinho – disse a mãe com toda ternura. – Escute o que sua mãe tem a dizer-lhe. Você foi picado por uma serpente por causa de seus muitos pecados. Mas nosso bom Deus quer perdoá-lo. Muita gente foi picada também e nós temos estado orando ao Senhor. Ele disse a Moisés que fizesse uma serpente de bronze e que a pendurasse num pau. Assim foi feito e todos os que, tendo sido mordidos, olharam para esta serpente de metal, sararam. Nadabe, meu Nadabe! Meu primogênito, meu filho querido... Olhe você também para a serpente que está pendurada no pau. Olhe e não morra, filhinho.

As lágrimas impediram a valorosa Degania de continuar, mas levantou seu filho e o pôs junto à porta da tenda, de onde podia ver-se a serpente de metal que estava no centro da praça.

Nadabe soltou um grito de dor.

– Mamãe, mamãe, eu... tenho sido muito mau para com a senhora. Eu tenho sido mau para com Deus. Eu vou morrer...

Degania levantou o rosto amado, com sua mão limpou-lhe os cabelos e descobriu sua testa. Contemplou os olhos azuis do menino e sua bonita boca.

– Que bonito você é, Nadabe – disse, chorando. Seu coração de mãe transbordava naquele momento de mais amor do que nunca.

– Não, meu Nadabe. Você não morrerá. Precisa obedecer. Faça-o por mim, faça-o por seus irmãozinhos, faça-o por você mesmo... e por Deus!

– Olhe... olhe para a serpente!

Diante do pedido da mãe ajuntando a última energia que lhe sobrava, Nadabe olhou para a serpente de metal. Sua vista estava turva e a febre mal lhe permitia ver à distância. Mas alguma coisa viu.

Como se estivesse coberta por uma nuvem, viu claramente uma cruz de madeira e uma linha dourada resplandecente que pendia dela, como se um anjo tivesse pousado no madeiro.

A visão deixou-o um momento como que em êxtase. Depois disse: – O perdão, o perdão do Senhor... – E caiu desmaiado.

Quando despertou, estava em sua cama e o primeiro que viu foi uma dúzia de rostos sorridentes que o contemplavam. Sua mãe e seus irmãos estavam ali, perto dele, e ele não estava morto, mas são, perfeitamente são. Olhou para sua mão. Estava limpa e curada. Duas marcas na ponta do seu dedo polegar lembravam-lhe a terrível experiência passada.

Nadabe sentou-se na cama. Estava tão bem de saúde que teve vontade de comer e pular.

– Mamãe, irei buscar água e lenha para a senhora – disse.

Degania compreendeu que seu filho estava salvo, não somente da picada da serpente, mas também de outra picada mais terrível: a picada do pecado no coração.

Feliz e agradecida a Deus, Degania olhou para Nadabe enquanto este se afastava pulando e brincando em ccompanhia de Uriel e Axa, indo à procura de lenha e de água para fazer a comida.

– Graças a Deus pela vida de meu filho – orou a mãe.

oOo

Amigo leitor:

Não se esqueça da história de Nadabe. Embora você nunca tenha sido picado por uma serpente venenosa (espero que nunca o seja!), nem por isto você está livre da picada do Diabo, o destruidor de sua vida. Há muita maldade escondida em nossos corações e esta maldade é como um veneno que pode fazer-nos morrer eternamente.

Agora não existe mais a serpente de metal que Moisés fez para que o seu povo fosse curado olhando para ela, mas lemos algo bem melhor. Temos a cruz do Calvário onde morreu nosso Senhor Jesus Cristo.

O Senhor disse:

“Do modo porque Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem, seja levantado, para que todo o que nEle crê tenha a vida eterna... E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos para Mim mesmo”.

“Olhai para Mim e sede salvos, vós todos os termos da terra; porque Eu sou Deus e não há outro”.

oOo